ASPECTOS DE VULNERABILIDADE DE GÊNERO NO IFRJ CAMPUS REALENGO PELA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

FERNANDES, Monique Evelyn Leite (PIBIC, CNPq)[1]; MENDONÇA, Lêda Glicério (PQ)[2]
[1] Trabalho Realizado pelo NUGED-SOMOS.
[2] Docente Graduação em Farmácia, IFRJ *Campus* Realengo, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, leda.mendonca@ifrj.edu.br,
[1]Dicente Graduação em Fisioterapia, IFRJ *Campus* Realengo, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, monique.evelyn.fernandes@gmail.com

RESUMO:

O trabalho é um recorte de uma pesquisa de iniciação cientifica (PIBIC) que tem como objetivo a descrição e análise dos dados coletados pelo NUGED (Núcleo de Gênero e diversidade) para o mapeamento da vulnerabilidade de gênero no IFRJ *Campus* Realengo, aqui denominado IFRJ-CReal, pela perspectiva dos alunos. A pesquisa consistiu na aplicação de um questionário semiaberto disponibilizado para subsidiar uma tomada de decisões para ações educativas por parte do NUGED. As respostas obtidas foram majoritariamente de alunos da graduação não havendo respostas de dos alunos do curso técnico. Os dados obtidos possibilitaram interpretar que a maioria dos respondentes tem dificuldade em dialogar com temática gênero e não sabem reconhecer as vulnerabilidades da população LGBTQI+. A partir dos resultados obtidos o núcleo de gênero e diversidade atuará de forma a elaborar estratégia educativas para resolver e intermediar conflitos relacionados a vulnerabilidade de gênero de forma acolhedora e integrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Vulnerabilidade de gênero; Diversidade de gênero; Ações integrativas, Gênero e Educação.

INTRODUÇÃO: Este trabalho apresenta um levantamento de dados correspondente às respostas do corpo discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - *campus* Realengo, aqui denominado como IFRJ-CReal sobre vulnerabilidade de gênero. Entende-se vulnerabilidade como o conjunto de fatores de natureza biológica, epidemiológica, social e cultural cuja interação amplia ou reduz o risco ou a proteção de uma pessoa frente a uma determinada doença, risco ou dano e substitui o conceito clássico de fatores de risco (GUILHEM, 2000).

De acordo com Mendonça *et. al.* (2011), na visão construcionista, isto é, na teoria da construção social, a sexualidade é histórica, de modo que sua construção se deve ao tempo e à cultura, sendo contrária ao que diz o essencialismo. Já na visão pós-estruturalista, a discussão é sobre a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

Essa discussão é proveniente de décadas de história humana, podemos perceber o sexismo sendo praticado, antes mesmo do período da palavra escrita, em que todas as histórias, lendas, ou representações deixam clara a disparidade entre o sexo masculino e feminino, deixando o sexo feminino sempre na posição de rebaixamento, seja por força, intelecto ou posição social, deixando mulheres a margem da violência.

Os dados expostos e analisados fazem parte de uma pesquisa de iniciação científica que embasarão a implementação de ações educativas por parte do NUGED SOMOS (Núcleo de Diversidade de Gênero). É sabido que a população LGBTQI+ é furtada dos preceitos prescritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 2009) e enfrenta inúmeras manifestações de violência de gênero na tentativa de conseguir ter condição de vida digna. O direito à permanência nos espaços educacionais e um atendimento de saúde adequado são dificultados pela presunção da heteronormatividade e, as ações educativas que serão implementadas pelo NUGED SOMOS tem a intenção de melhorar este quadro de exclusão (MENDONÇA, SILVA, TARTARUGA, FERNANDES e RIBEIRO, 2020).

OBJETIVO: Apurar dados para coletar as percepções sobre a vulnerabilidade de gênero na perspectiva do corpo discente do IFRJ-CReal no intuito de se implementar as ações de orientação e mediação de conflitos pelo NUGED-SOMOS.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS, EXPERIÊNCIA): A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a aplicação de questionários semiaberto pela plataforma *Google Forms* sobre vulnerabilidade de gênero desenvolvido pelo NUGED SOMOS IFRJ-CReal no 1º semestre do ano de 2020. O link para o acesso ao questionário (https://docs.google.com/forms/d/1Q-VgB1Uyg0d_JBoz5fZtoqZT5naSkjHqkwGM3FzmGKc/edit) foi disparado por grupos de *WhatsApp* e e-mails dos diretórios acadêmicos dos cursos de graduação de Fisioterapia, Farmácia, Terapia Ocupacional e no curso técnico de Agente Comunitário de Saúde. Apenas 37 discentes responderam o questionário.

O questionário iniciou-se com a caracterização dos respondentes. O percentual obtido dentre os 37 discentes que responderam ao questionário foi de que 40,5% dos alunos pertencem ao curso de Farmácia, 18,9% dos discentes pertencem ao curso de Terapia Ocupacional e 40,5% dos discentes pertencem ao curso de Fisioterapia, sendo que nenhum aluno do curso técnico de Agente Comunitário de Saúde respondeu a pesquisa. Esse dado deve-se provavelmente pela dificuldade de contato entre os cursos, já

que os alunos que dispararam os links do questionário são dos cursos de graduação que tem pouco contato com os alunos do curso técnico. Esse dado sugere que há a necessidade do NUGED em incorporar ao grupo pelo menos um representante do curso técnico.

Questionados sobre a capacidade dos docentes, funcionários administrativos e terceirizados 62,2 % dos discentes alegam não acreditar que estes profissionais estejam preparados ou sejam capazes de resolver ou intervir em conflitos originários de diversidade de gênero, outros 37,8% esboçaram confiança na capacidade destes profissionais em resolver tais conflitos.

Na pergunta seguinte “Você já se sentiu forçado a esconder ou mascarar sua forma de ser, vestir ou agir para ser mais bem aceito nos meios em que transita no IFRJ-CReal?” - 83,8% dos discentes afirmam que nunca precisaram esconder ou mascarar sua forma de se vestir ou agir para ser bem aceito nos meios em que transitam no IFRJ-CReal, 16,2% afirmam que já se sentiram forçados a esconder sua forma de ser, agir, ou vestir por uma boa aceitação social dentro dos meios em que transitam no IFRJ-CReal.

Quando inquiridos a respeito do silenciamento ou invisibilização em situações em sua vivencia dentro do IFRJ- CReal, que se caracterizaram por sua identidade de gênero (mulher ou LGBTQI+), 13,5% afirmaram terem sido silenciados ou invisibilizados dentro do IFRJ-CReal, 86,5% negam terem sofrido qualquer vivencia de invisibilização ou silenciamento dentro do IFRJ-CReal.

Quando perguntados sobre seus direitos em se expressar livremente, 48,6% dos discentes acreditam que a intolerância é capaz de atrapalhar o exercício ao direito de ter uma formação profissional e exercer sua cidadania, 51,4% discordam que o preconceito e a intolerância seria um fator de impedimento de para uma formação acadêmica ou exercer sua cidadania conforme é ilustrado no gráfico 1.

GRÁFICO 1



DISCUSSÃO:

O resultado desta pesquisa aponta que 62,2% dos discentes de graduação dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional do IFRJ-CReal não possuem confiança na capacidade de resolução ou intervenção de quaisquer conflitos originários de diversidade de gênero por nenhuma esfera seja administrativa, docente ou de terceirizados dentro do IFRJ-CReal, esta afirmativa acaba por impactar nas notificações de casos de conflitos de gênero dentro da instituição. De acordo com (SCOTT, 1995) O termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Para Bugada e Belther (2018) “o educador desempenha um papel notório na reprodução das relações de poder e normalização de padrões sociais, sendo ele responsável por ambientar situações de *bullying, bullying* homofóbico e racismo, por exemplo, causando assim, a exclusão e o preconceito, além de se silenciar diante desses acontecimentos, fazendo com que estes só aumentem”. Estes se tornam fatores decisivos dentro do ambiente de educação que favorece a vulnerabilidade de gênero, pois os educadores exercem papeis importantes dentro do ambiente, capazes não só de reprimir violências dentro da sala de aula ou ambiente educacional, tanto como fomentador de tais violências.

No que diz respeito ao fato do aluno se sentir intimidado em demonstrar ser quem ele de fato é (16,2% se sentiram impelidos a mudar de comportamento e 13,5% foram silenciados de algum modo), Bugada e Belther (2018) afirmam que essa exclusão é, na maioria das vezes, causada devido à cor, orientação sexual, classe social ou até mesmo pelo sexo. Em meio a esse movimento, a instituição escolar tornou-se

um espelho da sociedade moderna: excludente, hierárquica, dominada e marginalizada, fazendo com que os alunos não se sintam acolhidos neste ambiente, característica que, muitas vezes, causa a evasão dos próprios.

Sobre intolerância e preceito, 51,4% dos discentes acreditam sim, que estes fatores podem impedi-los de concluir seus estudos, de exercer sua profissão ou sua cidadania. Isso demonstra a fragilidade dentro do IFRJ-CReal para com o acolhimento da minoria e que esses fatores podem sim, ser decisivos para uma evasão de um de um discente de um curso de graduação. Conforme Tavares *et. al.* (2016), o silêncio e a falta de punição é uma forma de disseminar ódio, violência e repulsa por alguém. Isso quer dizer que, se um indivíduo presenciar uma atitude homofóbica e se calar, é tão culpado quanto o agressor.

CONCLUSÕES:

Os dados coletados refletem que há, em certa medida, fragilidade no entendimento e no atendimento dos indivíduos LGBTQI+ que pode ser percebido na notificação dos próprios discentes a respeito dos casos de vulnerabilidade e violência de gênero, dentro do ambiente de ensino do IFRJ- CReal. Os alunos não se sentem acolhidos pelos educadores, gestores, administrativos e terceirizados para relatar os casos sofridos ou testemunhados de homofobia por entenderem que estes não estão plenamente capacitados para intervir. Dessa forma o primeiro elo de confiança já é rompido e esta cadeia de violência de gênero só vem aumentando, tornando presente a vulnerabilidade de gênero.

Podemos concluir, então, que é necessário implementar ações educativas e preventivas contra a violência de gênero dentro dos ambientes educacionais, e a importância do NUGED neste processo, tanto no acolhimento dos discentes, mas também na capacitação de docentes, gestores, administrativos e terceirizados é importante para em conjunto não perpetuar os males que o sexismo e heteronomatividade podem trazer ao meio educacional e acadêmico.

REFERÊNCIAS

BUGADA, Vitoria de Camargo; BELTHER, Josilda Maria. Homofobia e violência de gênero: uma análise das violações de direitos e do preparo e da abordagem do tema pelos professores no IFSP. IV Congresso de Educação Profissional e Tecnológica – CONEPT. Araraquara, [s. l.], Setembro 2018.

GUILHEM, D., 2000. Escravas do Risco – Bioética, Mulheres e AIDS. Tese de Doutorado, Brasília: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília.

MENDONÇA, L.G., SILVA, D.S.F., TARTARUGA, J.T., FERNANDES, M.E.S.L., RIBEIRO, P.V.S.“NUGED SOMOS” e as percepções sobre diversidade de gênero em instituição de ensino pública na zona oeste do Rio de Janeiro. VI Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente. Rio de Janeiro-UNIRIO, 2020. Disponível em: <https://eneciencias.wixsite.com/2020/rodas-de-conversa>.

MENDONÇA, R.H.; JOCA, A.M.; TORRES, M.A.; et. al. Educação e Diversidade Sexual. TV Escola, Programa Salto para o Futuro. Ano XXI, Boletim 04. Maio, 2011. 45 p.

ONU, Declaração Universal dos Direitos Humanos, 2009. Disponível em:<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em 15 mar 2019.

SCOTT, Joan. GENERO: UMA CATEGORIA UTIL DE ANALISE HISTORICA. Educação & Realidade, [s. l.], v. 20, ed. 2, p. 71-99, 1995.

TAVARES, H. S. de; FELICIO, J. C. A amolação de facas nos espaços educativos: quando o silêncio e o discurso também matam. Revista Mundo Livre, [S.I.], v. 2, n. 2, p.12-27, 2016. Anual.